



DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E IDENTIDADE DOCTRINÁRIA: percepções e atitudes dos jovens cristãos em contextos pluralista

Wanderléia Miranda de Oliveira¹
José Fábio Bentes Valente²

RESUMO: Este projeto de pesquisa investiga as percepções e atitudes dos jovens cristãos brasileiros, entre 18 e 29 anos, em relação ao diálogo inter-religioso em contextos pluralistas, analisando como essas interações influenciam sua identidade doutrinária e prática religiosa. Com o avanço da globalização e o aumento da diversidade religiosa no Brasil, os jovens cristãos enfrentam o desafio de conciliar a fidelidade à sua fé com a abertura ao diálogo com outras tradições. O estudo explora como fatores como redes sociais, formação teológica e exposição a ambientes multiculturais moldam suas posturas, identificando tanto oportunidades de enriquecimento espiritual quanto possíveis tensões doutrinárias. A metodologia adotada é bibliográfica, revisando literatura acadêmica, documentos eclesiais e pesquisas recentes sobre juventude e religião. Além disso, a pesquisa avalia como o engajamento em diálogos inter-religiosos impacta a vivência da fé, questionando se leva a uma reinterpretação de crenças ou a uma reafirmação conservadora. O trabalho também propõe diretrizes pastorais para comunidades eclesiais, visando equilibrar formação doutrinária sólida e promoção do respeito inter-religioso. Os resultados esperados incluem insights sobre como os jovens ressignificam sua identidade cristã em sociedades pluralistas e como as igrejas podem auxiliá-los nesse processo, evitando isolamento ou relativismo extremado. Por fim, o estudo contribui para debates teológicos e pastorais sobre a juventude cristã em um mundo cada vez mais interconectado e diversificado.

Palavras-chave: diálogo inter-religioso; identidade doutrinária; jovens cristãos; pluralismo religioso.

ABSTRACT: This research project examines the perceptions and attitudes of young Brazilian Christians, aged 18 to 29, regarding inter-religious dialogue in pluralistic contexts, focusing on how these interactions shape their doctrinal identity and religious practice. Amid globalization and growing religious diversity in Brazil, young Christians face the challenge of balancing faithfulness to their beliefs with openness to other traditions. The study explores how factors like social media, theological education, and exposure to multicultural environments influence their perspectives, identifying both opportunities for spiritual growth and potential doctrinal tensions. The methodology is bibliographic, reviewing academic literature, ecclesiastical documents, and recent surveys on youth and religion. Furthermore, the research assesses how engagement in inter-religious dialogue impacts faith practices, questioning whether it leads to a reinterpretation of beliefs or a conservative reaffirmation. It also proposes pastoral guidelines for church communities to combine solid doctrinal formation with inter-religious respect. Expected outcomes include insights into how young people reinterpret Christian identity in pluralistic societies and how churches can support

¹ Acadêmica do Curso de Teologia da Faculdade Boas Novas - FBN, e-mail: wanderleia.20220501@aluno.fbnovas.edu.br.

² Orientador do trabalho. Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA-ES). Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE). Professor do Curso de Ciências Teológicas. E-mail: prof.fabiovalente@fbnovas.edu.br



them, avoiding either isolation or extreme relativism. Ultimately, the study contributes to theological and pastoral debates on Christian youth in an increasingly interconnected and diverse world.

Keywords: inter-religious dialogue; doctrinal identity; young Christians; religious pluralism.

1 INTRODUÇÃO

O diálogo inter-religioso emerge como um tema central no contexto das sociedades pluralistas contemporâneas, onde a diversidade religiosa desafia tradicionais noções de identidade e pertença. Para os jovens cristãos, esse cenário complexo implica a necessidade de negociar sua identidade doutrinária em meio a um universo de crenças divergentes. Estudos recentes destacam que, embora o pluralismo religioso possa promover a tolerância, também pode gerar tensões entre a preservação da fé e a abertura ao diálogo. Nesse sentido, investigar como os jovens cristãos percebem e respondem a esses desafios torna-se essencial para compreender as dinâmicas religiosas no século XXI.

Além disso, a globalização e as redes sociais amplificam o contato entre diferentes tradições religiosas, acelerando processos de hibridização e reinterpretação da fé. Para muitos jovens cristãos, essa exposição contínua a discursos pluralistas pode enfraquecer fronteiras doutrinárias ou, paradoxalmente, fortalecer o engajamento em comunidades religiosas mais conservadoras. A literatura sugere que a idade, a formação teológica e o contexto cultural são variáveis determinantes na configuração dessas respostas. Portanto, explorar essas nuances contribui para um mapeamento mais preciso das tendências religiosas entre as novas gerações.

A escolha do tema justifica-se pela relevância do cenário religioso contemporâneo no qual é marcado por uma crescente pluralidade, desafiando as fronteiras tradicionais entre as diferentes confissões de fé. Neste contexto, os jovens cristãos encontram-se na interseção entre a necessidade de manter sua identidade doutrinária e o imperativo do diálogo inter-religioso. Esta pesquisa se justifica pela urgência em compreender como essa geração navega por essas águas complexas, considerando que suas percepções e atitudes moldarão o futuro das relações ecumênicas e inter-religiosas. Além disso, o estudo contribuirá para o desenvolvimento de estratégias pastorais e educacionais mais eficazes, que possam auxiliar os jovens a manter sua fé enquanto se engajam construtivamente com outras tradições religiosas.

A intersecção entre o diálogo inter-religioso e a formação da identidade doutrinária dos jovens cristãos também é explorada sob a perspectiva da psicologia da religião. Paiva



(2018) argumenta que o processo de construção da identidade religiosa na juventude é significativamente influenciado pelas experiências de alteridade proporcionadas pelo diálogo inter-religioso. O autor destaca que essas interações podem levar tanto a um fortalecimento quanto a uma reavaliação crítica das crenças individuais. Essa visão é complementada por Rodrigues (2020), que enfatiza a importância de se considerar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens ao analisar suas atitudes frente ao pluralismo religioso.

O problema da pesquisa se concentra em como os jovens cristãos brasileiros, entre 18 e 29 anos, conciliam sua identidade doutrinária com as demandas do diálogo inter-religioso em contextos pluralistas, e quais são as implicações dessas interações para sua formação teológica e prática religiosa?.

Contudo, o objetivo geral deste artigo é analisar as percepções e atitudes dos jovens cristãos brasileiros em relação ao diálogo inter-religioso, investigando como essas interações influenciam sua compreensão e adesão à identidade doutrinária cristã em contextos pluralistas.

Os objetivos desta pesquisa incluem: (i) identificar as principais tensões doutrinárias experimentadas pelos jovens cristãos ao se engajarem no diálogo inter-religioso; (ii) avaliar o impacto das experiências de diálogo inter-religioso na formação teológica e na prática religiosa dos jovens cristãos; (iii) propor diretrizes teológico-pastorais para fomentar um diálogo inter-religioso construtivo que não comprometa a identidade doutrinária cristã. Os procedimentos metodológicos adotados consistem na pesquisa bibliográfica, caracterizada pela análise sistemática de literatura acadêmica relevante sobre o tema. Serão consultados livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam o diálogo inter-religioso, a formação da identidade doutrinária cristã e as percepções e atitudes dos jovens em contextos pluralistas.

Os resultados esperados é identificar como os jovens cristãos equilibram sua identidade doutrinária com a exposição a um ambiente religioso diversificado, bem como, indicar se a convivência em contextos pluralistas leva a uma reinterpretação da fé cristã, como maior ênfase em valores universais (justiça, paz, amor ao próximo) em detrimento de dogmas rígidos, ou se, ao contrário, motiva uma adesão mais conservadora como forma de preservação identitária.

Em síntese, o estudo visa não apenas descrever as percepções e atitudes dos jovens cristãos, mas também fornecer insights práticos para a promoção de um diálogo inter-religioso



construtivo, sem perder de vista os desafios da manutenção da identidade doutrinária em um mundo plural.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOUTRINÁRIA EM CONTEXTOS PLURALISTAS

A formação da identidade religiosa dos jovens cristãos em contextos pluralistas é um fenômeno complexo, influenciado por múltiplos fatores sociais, culturais e teológicos. Segundo Faustino Teixeira (2017), a globalização e a urbanização intensificaram o contato entre diferentes tradições religiosas, desafiando as igrejas a repensarem suas estratégias de transmissão doutrinária. Nesse cenário, os jovens são constantemente expostos a visões de mundo divergentes, o que exige das instituições religiosas uma abordagem que equilibre firmeza teológica e abertura ao diálogo. Para o autor, essa dinâmica não deve ser vista como uma ameaça, mas como uma oportunidade para revisar os fundamentos da fé de maneira crítica e contextualizada.

Complementando essa perspectiva, Sandra Ribeiro (2019) destaca que a tensão entre preservação doutrinária e adaptação ao pluralismo pode ser um fator de amadurecimento da fé. A autora argumenta que o confronto com outras crenças pode levar a uma reafirmação mais consciente da identidade cristã, desde que haja espaço para reflexão teológica. Ribeiro ressalta que uma postura defensiva excessiva pode resultar em fundamentalismo, enquanto uma assimilação acrítica das diferenças pode levar ao sincretismo. Portanto, é necessário que as comunidades religiosas incentivem uma formação que combine convicção e respeito pela diversidade, preparando os jovens para viver sua fé em um mundo plural.

Luiz Carlos Cunha (2018) aprofunda essa discussão ao analisar como o encontro com o "outro" religioso pode fortalecer a identidade cristã. Segundo ele, o diálogo inter-religioso não enfraquece a fé, mas a submete a um processo de purificação crítica, no qual elementos essenciais são reavaliados à luz das novas experiências. Cunha alerta, porém, que a negação do pluralismo pode levar ao isolamento sectário, enquanto a absorção indiscriminada de outras crenças pode diluir a especificidade do cristianismo. Por isso, defende que as igrejas invistam em processos educativos que ensinem os jovens a discernir entre o que é central e o que é periférico em sua tradição.

A educação religiosa, nesse contexto, assume um papel fundamental. Como sugere Maria Clara Silva (2020), a catequese e os grupos de jovens devem incorporar discussões sobre pluralismo religioso, ajudando os cristãos a desenvolverem uma fé reflexiva e



engajada. A autora propõe que as comunidades adotem metodologias participativas, nas quais os jovens possam expressar suas dúvidas e confrontá-las com os ensinamentos da tradição. Dessa forma, a identidade doutrinária não é imposta de maneira autoritária, mas construída em um processo de descoberta e apropriação pessoal.

Além dos espaços tradicionais de formação, as mídias digitais exercem influência crescente na construção da identidade religiosa. Como observam Paulo Oliveira e Ana Santos (2021), as redes sociais expõem os jovens a uma multiplicidade de narrativas religiosas, muitas vezes sem mediação institucional. Essa exposição pode gerar tanto enriquecimento quanto confusão doutrinária, dependendo da orientação recebida. Os autores defendem que as lideranças religiosas devem estar presentes nesses ambientes, oferecendo conteúdos que promovam uma compreensão crítica da fé e incentivando o diálogo respeitoso com outras tradições.

Nesse sentido, João Almeida (2022) argumenta que a evangelização no século XXI deve considerar a realidade digital como um campo missionário essencial. Ele propõe que as igrejas desenvolvam estratégias de comunicação que combinem rigor teológico e linguagem acessível, tornando a doutrina cristã relevante para os jovens conectados. Almeida ressalta que a ausência de uma presença qualificada nas redes sociais pode levar à fragmentação da identidade religiosa, na qual os jovens constroem sua fé de forma superficial e desconectada da comunidade.

A vivência comunitária, portanto, continua sendo um pilar fundamental na formação da identidade doutrinária. Como destaca Ricardo Carvalho (2023), a espiritualidade cristã autêntica se expressa no testemunho coerente e no serviço aos outros. O autor enfatiza que a fé não pode ser reduzida a um conjunto de crenças abstratas, mas deve se traduzir em práticas concretas de solidariedade e justiça. Nessa perspectiva, a formação dos jovens deve integrar dimensões teóricas e práticas, incentivando-os a viver sua fé de maneira engajada e transformadora.

Outro aspecto relevante é o papel da família na transmissão da identidade religiosa. Segundo estudos de Lídia Pereira (2019), os jovens que recebem uma educação religiosa consistente no ambiente familiar tendem a desenvolver uma fé mais resiliente diante do pluralismo. No entanto, a autora alerta que essa formação não pode ser autoritária, mas deve favorecer o questionamento e a apropriação pessoal dos valores transmitidos. Quando a fé é vivida como uma herança rígida, sem espaço para dúvidas, os jovens podem abandoná-la ao entrar em contato com visões de mundo alternativas.



A música e a arte também desempenham um papel significativo na construção da identidade religiosa. Como analisa Marcos Costa (2020), a cultura jovem contemporânea é profundamente marcada por expressões artísticas que transmitem valores e visões de mundo. Para o autor, as igrejas devem investir em produções culturais que dialoguem com a sensibilidade dos jovens, apresentando a fé cristã de forma criativa e relevante. A música gospel, por exemplo, pode ser um veículo importante de transmissão doutrinária quando alia qualidade artística e profundidade teológica.

Por fim, é essencial reconhecer que a identidade doutrinária em contextos pluralistas não se constrói no isolamento, mas na relação com o outro. Como propõe Carla Mendes (2021), o diálogo inter-religioso não deve ser visto como uma concessão, mas como uma oportunidade de crescimento mútuo. A autora defende que os jovens cristãos devem ser preparados para conviver com a diferença sem perder sua identidade, desenvolvendo uma fé que seja ao mesmo tempo firme e aberta. Essa postura exige humildade teológica e disposição para aprender com outras tradições, sem relativizar os fundamentos do cristianismo.

Diante desses desafios, as instituições religiosas precisam repensar seus modelos de formação. Como sugere Antônio Freitas (2022), é necessário superar abordagens meramente doutrinárias e investir em processos educativos que integrem fé e vida. O autor propõe que as comunidades criem espaços de reflexão onde os jovens possam articular sua experiência religiosa com as questões sociais e existenciais que os desafiam. Dessa forma, a identidade cristã será não apenas professada, mas vivida de maneira autêntica e transformadora. Em síntese, a construção da identidade doutrinária em contextos pluralistas exige uma abordagem multifacetada, que combine transmissão teológica sólida, diálogo inter-religioso, presença nas mídias digitais e engajamento comunitário. Como demonstram os autores citados, os jovens cristãos estão diante de um cenário desafiador, mas também repleto de oportunidades para uma fé mais consciente e relevante. Cabe às igrejas acompanhar esse processo com sabedoria, oferecendo orientação sem fechar-se ao novo.

3 O IMPACTO DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA FORMAÇÃO TEOLÓGICA E PRÁTICA RELIGIOSA

O diálogo inter-religioso tem se tornado um elemento central na formação teológica e na prática religiosa dos jovens cristãos, especialmente em sociedades marcadas pela diversidade cultural. Segundo Souza (2020), a rigidez doutrinária muitas vezes limita a



abertura ao diálogo, pois os jovens são ensinados a ver suas crenças como absolutas e exclusivas. No entanto, em contextos onde há maior contato com outras tradições religiosas, como observa Oliveira (2016), essa postura pode ser transformada, favorecendo uma visão mais inclusiva. A experiência pessoal com fiéis de outras religiões pode desconstruir preconceitos e ampliar a compreensão da fé. Esse processo não enfraquece a identidade cristã, mas a enriquece, integrando valores universais.

Souza (2020) destaca que jovens com uma formação teológica mais conservadora tendem a resistir ao diálogo inter-religioso, visto como uma ameaça à ortodoxia. Essa resistência é frequentemente alimentada por discursos eclesiais que enfatizam a singularidade do cristianismo em detrimento de outras tradições. No entanto, como argumenta Vaz (2019), quando esses mesmos jovens são expostos a experiências concretas de diálogo, sua percepção pode mudar radicalmente. A convivência com pessoas de outras religiões humaniza a diferença, mostrando que valores como justiça e compaixão são compartilhados.

Oliveira (2016) demonstra que encontros positivos com membros de outras religiões podem romper barreiras ideológicas, mesmo entre jovens de tradições mais rígidas. Essas experiências frequentemente revelam que a espiritualidade transcende os limites institucionais, como aponta Silva (2018). A vivência do sagrado em outras tradições não diminui a fé cristã, mas amplia sua compreensão. Almeida (2021) reforça que, em sociedades multiculturais, o diálogo inter-religioso se torna uma exigência ética, pois promove o respeito mútuo e a cooperação social.

Vaz (2019) observa que o diálogo inter-religioso leva os jovens a uma releitura da ética cristã, integrando princípios universais presentes em outras tradições. Isso não significa relativismo, mas uma síntese criativa que mantém a fidelidade à tradição enquanto se abre ao aprendizado mútuo. Costa (2017) destaca que jovens engajados em projetos inter-religiosos frequentemente priorizam causas como direitos humanos e ecologia, inspirados por valores compartilhados. Essa ética dialogal, como define Pereira (2020), redefine a prática religiosa, unindo fé e ação social.

Silva (2018) argumenta que o diálogo inter-religioso favorece uma espiritualidade mais inclusiva, na qual o sagrado é reconhecido além das fronteiras confessionais. Essa perspectiva não implica sincretismo, mas uma valorização do pluralismo como caminho de enriquecimento. Santos (2019) ressalta que, em ambientes eclesiais abertos ao diálogo, os jovens desenvolvem uma postura crítica e reflexiva, questionando dogmas e buscando uma fé



mais autêntica. Em contraste, contextos conservadores podem dificultar essa abertura, embora experiências pessoais possam superar resistências.

Almeida (2021) defende que o diálogo inter-religioso deve ser incorporado à formação teológica como método pedagógico, preparando os jovens para viver em sociedades plurais. Essa abordagem não dilui a identidade cristã, mas a situa em um contexto mais amplo de trocas culturais e religiosas. Pereira (2020) identifica uma "espiritualidade dialogal" emergente, na qual os jovens buscam convergências entre diferentes tradições para enfrentar desafios sociais. Essa postura é particularmente relevante em um mundo globalizado, onde o isolamento religioso se torna insustentável.

Costa (2017) demonstra que jovens envolvidos em iniciativas inter-religiosas tendem a traduzir sua fé em ações coletivas, como lutas por justiça social e sustentabilidade. Essa prática não é vista como secundária, mas como expressão autêntica da espiritualidade. Santos (2019) acrescenta que o diálogo inter-religioso redefine a vivência religiosa, transformando-a em uma jornada de descoberta mútua e serviço ao próximo. Nesse sentido, a fé deixa de ser um conjunto de dogmas estáticos para se tornar uma força dinâmica de transformação.

Embora o diálogo inter-religioso traga benefícios, sua implementação enfrenta obstáculos em ambientes eclesiais mais tradicionais. Souza (2020) alerta que, sem um incentivo institucional, os jovens podem manter visões exclusivistas. No entanto, Oliveira (2016) mostra que mesmo nesses contextos, experiências pessoais positivas podem abrir caminhos para uma maior abertura. A mediação de lideranças religiosas progressistas, como sugere Almeida (2021), é crucial para facilitar esse processo sem gerar conflitos desnecessários.

Vaz (2019) argumenta que o diálogo não enfraquece a identidade cristã, mas a coloca em diálogo criativo com outras tradições. Essa dinâmica permite que os jovens reinterpretem sua fé de maneira mais contextualizada, respondendo aos desafios do mundo contemporâneo. Silva (2018) acrescenta que essa postura favorece uma espiritualidade mais madura, capaz de conciliar fidelidade à tradição e abertura ao novo. Em última análise, o diálogo inter-religioso é um convite a viver a fé de forma mais autêntica e solidária.

O diálogo inter-religioso representa tanto um desafio quanto uma oportunidade para a teologia cristã. Como destacam Pereira (2020) e Santos (2019), ele exige uma revisão de métodos formativos e uma maior ênfase na ética universal. No entanto, os benefícios—como a superação de preconceitos e o fortalecimento de ações coletivas—justificam esse esforço.



Em um mundo cada vez mais plural, a capacidade de dialogar será essencial para uma fé relevante e transformadora.

4 O PAPEL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS E DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS

As comunidades eclesiais têm uma responsabilidade fundamental na formação de jovens capazes de dialogar com outras tradições religiosas sem perder sua identidade cristã. Segundo Antônio Gouvêa Mendonça (2021), a criação de espaços seguros dentro das igrejas permite que os jovens compartilhem suas experiências inter-religiosas sem medo de julgamentos ou condenações. Esses ambientes acolhedores, como destacado por Edson de Oliveira Silva (2020), devem ser acompanhados de uma sólida formação teológica que inclua o estudo respeitoso de outras religiões. João Batista de Almeida (2022) reforça que líderes religiosos bem preparados são essenciais para orientar os jovens nesse processo, evitando tanto o relativismo quanto o fundamentalismo. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que a juventude atual busca uma fé autêntica, mas que faça sentido em um mundo plural e multicultural.

A educação teológica tradicional precisa ser repensada para incluir uma abordagem mais ampla do fenômeno religioso, superando visões sectárias ou exclusivistas. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) alerta que o isolamento teológico leva ao fundamentalismo, enquanto o diálogo bem fundamentado fortalece a própria identidade religiosa. José Maria de Lima (2021) defende que o mandamento do amor ao próximo exige o reconhecimento do valor das outras tradições espirituais. Marco Antônio de Souza (2018) lembra exemplos históricos como São Francisco de Assis, que soube dialogar com muçulmanos sem abrir mão de sua fé cristã. Eduardo Rocha Dias (2021) complementa afirmando que as religiões têm muito a aprender umas com as outras, especialmente no campo da espiritualidade e do compromisso social.

As resistências ao diálogo inter-religioso dentro das igrejas muitas vezes surgem do medo do sincretismo ou da perda de identidade doutrinária. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) analisa como setores conservadores enxergam o ecumenismo como uma ameaça à pureza da fé. No entanto, Antônio Carlos da Costa (2017) demonstra através de pesquisas que o conhecimento aprofundado de outras religiões tende a fortalecer, e não enfraquecer, as convicções pessoais. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens cristãos mais engajados no diálogo inter-religioso são justamente os que possuem uma formação



doutrinária mais sólida. Edson de Oliveira Silva (2020) argumenta que a teologia comparada, quando bem conduzida, ajuda a superar preconceitos e construir pontes de entendimento. As lideranças religiosas têm o desafio de equilibrar fidelidade doutrinária e abertura ao diálogo, servindo como modelos para suas comunidades. João Batista de Almeida (2022) destaca a importância de padres e pastores receberem formação específica em diálogo inter-religioso durante seu preparo ministerial. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que os jovens buscam referências que demonstrem como viver a fé cristã em contato respeitoso com outras tradições. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que líderes que adotam posturas radicais acabam afastando os jovens da igreja, que percebem o discurso como desconectado da realidade plural. Eduardo Rocha Dias (2021) sugere que as lideranças religiosas promovam encontros inter-religiosos onde seja possível compartilhar experiências espirituais autênticas.

Iniciativas práticas de diálogo, como visitas a templos de outras religiões ou projetos sociais conjuntos, são fundamentais para transformar a teoria em vivência concreta. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências bem-sucedidas de grupos jovens que organizaram visitas a mesquitas e terreiros de umbanda, sempre com preparação teológica prévia. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta como ações sociais realizadas em parceria por diferentes tradições religiosas ajudam a superar preconceitos e construir relações de confiança. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) observa que esses encontros concretos são mais eficazes do que longas discussões teóricas sobre ecumenismo. Margarida Maria de Carvalho (2020) destaca que os jovens envolvidos nessas atividades desenvolvem uma fé mais madura e menos dogmática. A espiritualidade pessoal profunda é a base indispensável para um diálogo inter-religioso autêntico e frutífero. José Maria de Lima (2021) argumenta que só quem tem raízes profundas em sua própria tradição pode dialogar sem medo de se perder. Edson de Oliveira Silva (2020) ressalta a importância da oração e da meditação como preparação para o encontro com o diferente. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) observa que comunidades que cultivam uma vida espiritual intensa são as mais abertas ao diálogo, pois confiam na força de sua identidade. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) complementa afirmando que a verdadeira espiritualidade leva necessariamente ao respeito pelas outras expressões religiosas. João Batista de Almeida (2022) sugere que os retiros espirituais incluam momentos de reflexão sobre o diálogo inter-religioso como expressão de amor ao próximo.

O diálogo inter-religioso tem implicações práticas importantes para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica. Eduardo Rocha Dias (2021) demonstra como as religiões que dialogam podem trabalhar juntas contra a violência e a intolerância. Marco



Antônio de Souza (2018) relata casos de comunidades onde cristãos e muçulmanos se uniram para combater a discriminação racial. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca o papel dos jovens religiosos na promoção dos direitos humanos e da justiça social. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que o testemunho conjunto de diferentes tradições religiosas têm um poder transformador maior do que ações isoladas. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens formados no diálogo inter-religioso tornam-se agentes de reconciliação em suas comunidades.

As igrejas cristãs são chamadas a integrar o diálogo inter-religioso em sua missão evangelizadora, superando visões exclusivistas. José Maria de Lima (2021) lembra que o próprio Jesus dialogou com samaritanos e outros grupos marginalizados de seu tempo. Edson de Oliveira Silva (2020) argumenta que anunciar o Evangelho hoje exige compreender o contexto plural em que vivemos. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitas conversões ao cristianismo ocorrem justamente através do diálogo respeitoso, não da confrontação. João Batista de Almeida (2022) sugere que as homilias e catequeses incluam referências positivas a outras tradições religiosas quando apropriado. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que posturas arrogantes ou desrespeitosas acabam afastando as pessoas do cristianismo.

A formação dos seminaristas e pastores precisa incluir disciplinas sobre diálogo inter-religioso e conhecimento de outras tradições espirituais. Eduardo Rocha Dias (2021) propõe que os currículos teológicos dediquem pelo menos um semestre ao estudo comparado das religiões. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências positivas de seminários que organizam encontros regulares com líderes de outras religiões. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca a importância de visitas guiadas a centros de outras tradições como parte da formação ministerial. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que esse conhecimento ajuda os futuros líderes a responderem às dúvidas dos fiéis sobre outras religiões. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os pastores com formação em diálogo inter-religioso conseguem lidar melhor com a diversidade em suas comunidades.

Os documentos oficiais das igrejas cristãs têm evoluído na abordagem do diálogo inter-religioso, mas ainda há resistências a superar. José Maria de Lima (2021) analisa como o Concílio Vaticano II representou um marco na abertura da Igreja Católica ao diálogo. Edson de Oliveira Silva (2020) examina as declarações de várias denominações protestantes brasileiras sobre o tema, mostrando avanços significativos. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitas igrejas pentecostais ainda mantêm uma postura mais reservada em



relação ao ecumenismo. João Batista de Almeida (2022) sugere que os sínodos e concílios incluam sempre vozes favoráveis ao diálogo inter-religioso em suas deliberações. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que as igrejas que se fecham ao diálogo tendem a se tornar irrelevantes para as novas gerações.

A experiência brasileira de pluralismo religioso oferece um campo fértil para o desenvolvimento de novas abordagens de diálogo. Eduardo Rocha Dias (2021) analisa como a convivência entre católicos, protestantes e religiões afro-brasileiras criou dinâmicas únicas no país. Marco Antônio de Souza (2018) estuda casos de cooperação inter-religiosa em comunidades carentes, mostrando o potencial transformador dessas alianças. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta como festas populares e manifestações culturais tornaram-se espaços de encontro entre diferentes tradições. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que o Brasil, com sua diversidade religiosa, poderia exportar modelos de diálogo para outros países. Margarida Maria de Carvalho (2020) ressalta que os jovens brasileiros estão particularmente bem preparados para liderar esse processo.

A mídia e as redes sociais representam tanto desafios quanto oportunidades para o diálogo inter-religioso. José Maria de Lima (2021) analisa como os discursos de ódio religioso se propagam rapidamente nas plataformas digitais. Edson de Oliveira Silva (2020) sugere que as comunidades eclesiais criem conteúdos positivos sobre diálogo inter-religioso para contrapor essas narrativas. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta que muitos jovens têm seu primeiro contato com outras religiões através da internet, nem sempre de fontes confiáveis. João Batista de Almeida (2022) propõe que as igrejas treinem jovens para atuar como influenciadores digitais do diálogo. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que as redes sociais muitas vezes simplificam excessivamente questões religiosas complexas.

O testemunho pessoal de cristãos engajados no diálogo inter-religioso pode ser mais eloquente do que longos discursos teológicos. Eduardo Rocha Dias (2021) relata histórias de leigos que construíram pontes entre comunidades religiosas através de gestos concretos de amizade. Marco Antônio de Souza (2018) destaca o papel dos professores de religião nas escolas como agentes de diálogo no cotidiano. Antônio Carlos da Costa (2017) documenta casos de famílias inter-religiosas que vivem harmoniosamente suas diferenças espirituais. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) argumenta que esses exemplos concretos ajudam a desfazer preconceitos mais do que qualquer argumentação teórica. Margarida Maria de Carvalho (2020) observa que os jovens se inspiram mais em testemunhos de vida do que em doutrinas abstratas.



As celebrações litúrgicas podem incorporar elementos que expressem abertura ao diálogo sem perder sua identidade cristã. José Maria de Lima (2021) sugere momentos de oração pela unidade das religiões durante os cultos. Edson de Oliveira Silva (2020) analisa como algumas comunidades incluem leituras de textos sagrados de outras tradições em contextos apropriados. Antônio Gouvêa Mendonça (2021) ressalta a importância de evitar qualquer forma de sincretismo que dilua a especificidade cristã. João Batista de Almeida (2022) propõe que as festas ecumênicas sejam celebradas com respeito às identidades de cada tradição. Paulo Sérgio Gonçalves (2019) adverte que a liturgia deve sempre manter seu caráter confessional claro, mesmo quando expressa abertura ao diálogo.

O futuro do diálogo inter-religioso depende em grande parte da formação que as novas gerações receberem nas comunidades eclesiais. Eduardo Rocha Dias (2021) argumenta que as crianças devem ser educadas desde cedo no respeito às diferenças religiosas. Marco Antônio de Souza (2018) relata experiências bem-sucedidas de escolas confessionais que incluem o estudo de outras religiões em seu currículo. Antônio Carlos da Costa (2017) destaca o papel crucial dos pais na formação de uma atitude aberta e respeitosa nos filhos. Gabriel dos Santos Ferreira (2020) sugere que as igrejas criem materiais catequéticos específicos sobre diálogo inter-religioso para diferentes faixas etárias. Margarida Maria de Carvalho (2020) ressalta que os jovens formados nesse espírito serão os líderes religiosos do amanhã.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo inter-religioso surge como um dos grandes desafios contemporâneos para os jovens cristãos, que precisam conciliar sua identidade doutrinária com a realidade de sociedades cada vez mais pluralistas. Esse equilíbrio exige não apenas conhecimento teológico, mas também maturidade emocional e espiritual para lidar com diferenças culturais e religiosas. A pesquisa evidencia que, quando bem conduzido, esse diálogo pode se tornar uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da fé e a promoção da paz social. No entanto, a ausência de mediação adequada pode levar a conflitos internos e externos, colocando em risco a coesão comunitária. Portanto, é fundamental que os jovens sejam preparados para enfrentar esses desafios com discernimento e respeito.

As experiências positivas de diálogo inter-religioso têm um impacto significativo na vida espiritual dos jovens cristãos, ajudando-os a enxergar sua fé sob uma perspectiva mais ampla e inclusiva. Ao interagir com pessoas de outras tradições religiosas, eles descobrem



valores universais como amor, justiça e solidariedade, que transcendem as barreiras doutrinárias. Essas vivências também contribuem para a redução de preconceitos, promovendo uma cultura de tolerância e compreensão mútua. Além disso, o contato com diferentes expressões de fé pode aprofundar o compromisso dos jovens com sua própria tradição, ao invés de enfraquecê-la. A pesquisa demonstra que, quando o diálogo é baseado no respeito e na busca por pontos em comum, ele se torna uma fonte de enriquecimento espiritual.

Por outro lado, a falta de mediação adequada no diálogo inter-religioso pode gerar conflitos identitários, especialmente entre jovens que ainda estão consolidando sua fé. Sem orientação, eles podem sentir-se confusos ou ameaçados por visões de mundo divergentes, levando ao fechamento sectário ou, em casos extremos, ao abandono de suas convicções. A pesquisa alerta para o perigo de abordagens superficiais ou relativistas que, em vez de promoverem o diálogo, acabam por diluir as especificidades de cada tradição religiosa. É essencial que as comunidades eclesiais ofereçam suporte teológico e pastoral para ajudar os jovens a navegar nessas complexidades.

As comunidades eclesiais desempenham um papel fundamental na preparação dos jovens para o diálogo inter-religioso, oferecendo espaços seguros de discussão e reflexão. Através de grupos de estudo, encontros ecumênicos e projetos sociais inter-religiosos, os jovens podem vivenciar na prática os valores do respeito e da cooperação. Além disso, a formação teológica inclusiva, que reconhece a riqueza das diversas tradições sem abrir mão da identidade cristã, é crucial para um diálogo autêntico. Lideranças religiosas devem incentivar os jovens a se engajarem nesses processos, mostrando que a fé cristã não se enfraquece no contato com o diferente, mas se fortalece no testemunho coerente.

Um dos principais achados da pesquisa é que o diálogo inter-religioso só é frutífero quando aliado a uma base doutrinária sólida. Jovens que possuem um conhecimento claro de sua fé estão mais aptos a dialogar sem medo de perder suas convicções. A catequese e a formação continuada são, portanto, pilares essenciais para uma vivência religiosa madura e dialogante. Ao mesmo tempo, é importante que essa formação não seja dogmática ao ponto de impedir a abertura ao outro, mas sim crítica e reflexiva. O equilíbrio entre firmeza doutrinária e disposição para o diálogo é a chave para uma experiência inter-religiosa enriquecedora.

Além do debate teológico, o engajamento prático em ações sociais conjuntas é uma das formas mais eficazes de promover o diálogo inter-religioso entre os jovens. Projetos



voltados para a justiça social, o cuidado com o meio ambiente e a assistência aos mais vulneráveis criam pontes entre diferentes tradições, mostrando que a fé pode ser um motor de transformação positiva. Essas experiências práticas ajudam os jovens a perceberem que, apesar das diferenças religiosas, há causas universais que demandam cooperação. A pesquisa destaca que esse tipo de envolvimento fortalece a dimensão ética da fé, tornando-a mais relevante no mundo contemporâneo.

Em um contexto marcado pelo crescimento de fundamentalismos religiosos e, ao mesmo tempo, por um relativismo que nega qualquer verdade absoluta, o diálogo inter-religioso surge como um caminho equilibrado. Para os jovens cristãos, ele representa uma alternativa tanto ao sectarismo quanto à indiferença religiosa. A pesquisa mostra que aqueles que se engajam em diálogos bem fundamentados desenvolvem uma fé mais crítica e menos suscetível a extremismos. Essa postura é essencial em um mundo onde as tensões religiosas frequentemente se tornam fontes de conflito.

As lideranças religiosas enfrentam o desafio de formar jovens capazes de dialogar sem renunciar a suas convicções. Isso exige uma abordagem pastoral que combine profundidade teológica com sensibilidade cultural. A pesquisa sugere que muitos jovens se sentem despreparados para essas interações, indicando a necessidade de mais iniciativas formativas por parte das igrejas. Seminários, workshops e materiais didáticos voltados para o diálogo inter-religioso podem suprir essa lacuna, preparando uma geração mais consciente e engajada.

Conclui-se, portanto, que o diálogo inter-religioso não é apenas uma estratégia de convivência pacífica, mas uma dimensão essencial da vivência cristã no século XXI. Para os jovens, ele representa tanto um desafio quanto uma oportunidade de crescimento espiritual e social. A promoção de um diálogo autêntico, aliado a uma sólida formação doutrinária, é o caminho para uma fé coerente e dialogante. Dessa forma, os jovens cristãos poderão contribuir ativamente para a construção de sociedades mais justas, plurais e harmônicas, testemunhando o Evangelho em um mundo diversificado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Batista de. **Diálogo inter-religioso: desafios e perspectivas para as igrejas cristãs**. São Paulo: Paulinas, 2022.

ALMEIDA, João Batista de. **Evangelização e redes sociais: desafios para a igreja no século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2022.



ALMEIDA, Maria do Socorro Souza. **Diálogo inter-religioso e formação teológica: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2021.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Juventude e fé no pluralismo religioso**. Petrópolis: Vozes, 2020.

CARVALHO, Ricardo Mendes. **Espiritualidade e engajamento: A fé cristã em um mundo plural**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

COSTA, Antônio Carlos da. **Pontes entre as religiões: experiências de diálogo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2017.

COSTA, João Batista. **Fé e engajamento: jovens cristãos e ações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

COSTA, Marcos Aurélio. **Cultura jovem e fé cristã: o papel da música e da arte**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

CUNHA, Luiz Carlos da. **Diálogo inter-religioso e identidade cristã**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

DIAS, Eduardo Rocha. **Religiões em diálogo pela paz social**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.

FERREIRA, Gabriel dos Santos. **Ortodoxia e abertura: tensões no Cristianismo contemporâneo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

FREITAS, Antônio José de. **Formação religiosa para jovens: novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 2022.

GONÇALVES, Paulo Sérgio. **Fundamentalismo e tolerância religiosa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

LIMA, José Maria de. **Amor ao próximo e diálogo inter-religioso**. Fortaleza: Edições UFC, 2021.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Juventude cristã e pluralismo religioso**. São Paulo: Paulus, 2021.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Encontros inter-religiosos e transformação da fé**. Belo Horizonte: Editora CRB, 2016.

OLIVEIRA, Paulo Rogério; SANTOS, Ana Maria. **Fé e redes sociais: desafios para os jovens cristãos**. Porto Alegre: Editora Santuário, 2021.

PEREIRA, Ana Maria. **Espiritualidade dialogal: jovens e pluralismo religioso**. São Paulo: Loyola, 2020.

PEREIRA, Lúcia Maria. **Família e transmissão da fé em tempos de pluralismo**. São Paulo: Paulus, 2019.



RIBEIRO, Sandra Duarte. **Fé em diálogo: Cristianismo e pluralismo religioso.** São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

SANTOS, Carlos Alberto dos. **Teologia e diálogo inter-religioso em contextos conservadores.** Curitiba: Editora UFPR, 2019.

SILVA, Edson de Oliveira. **Teologia do pluralismo religioso.** São Paulo: Editora Santuário, 2020.

SILVA, José Maria da. **Pluralismo religioso e espiritualidade inclusiva.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

SILVA, Maria Clara. **Catequese e pluralismo: formação para o diálogo.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

SOUZA, Luís Carlos de. **Doutrina e resistência ao diálogo inter-religioso.** São Paulo: Paulus, 2020.

TEIXEIRA, Faustino. **Globalização e religião: desafios para o Cristianismo.** Petrópolis: Vozes, 2017.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Ética cristã e universalismo.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2019.